

XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

OS LIMITES DO LIVRO

Amir Brito Cadôr

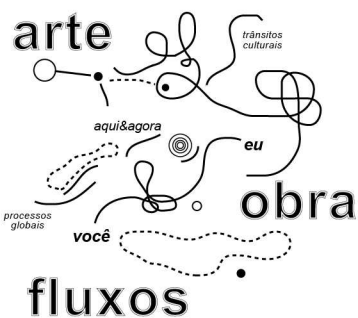
UFMG

Como é possível definir os limites do livro? O que é afinal um livro de artista? Quando um livro deixa de ser livro? Esta comunicação é uma tentativa de responder a estas perguntas.

O livro *Vinte Seis Postos de Gasolina*, de Ed Ruscha, é um livro só de imagens, sem texto. *Topografia Anedotada do Acaso*, do romeno Daniel Spoerri é um livro só de texto, sem imagens. Os dois livros, cada um a seu modo, marcam uma nova maneira de se pensar os livros de artista.

Desde o “Lance de Dados”, poema emblemático de Mallarmé, o espaço do livro não deixou de ser questionado. Assim como se observou na arte conceitual o uso da metalinguagem como forma de reflexão a respeito do estatuto da obra de arte, nos livros de artista o paratexto editorial serviu de mote para a criatividade de artistas como Dick Higgins, que utilizou a estrutura do livro como elemento que transforma a recepção do texto. A comunicação pretende colocar em destaque a produção de artistas brasileiros que imitaram a diagramação para fazer a crítica das publicações, como é o caso dos cadernos de Ivens Machado, a revista Inveja de Guto Lacaz, os livros de Sebastião Nunes que remetam aos almanaques e os de Anna Bella Geiger que se parecem com cartilhas escolares.

A comunicação problematiza a catalogação dos livros de artista e os critérios para se definir o que é um livro. Neste contexto, utilizo o



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

termo “não-livro” para os livros que podem ser definidos pela recusa ao códice ou a determinados aspectos da edição ou abandono da distribuição regular – muitos livros de artista não seriam aceitos como livros por um bibliotecário ortodoxo, e são por isso chamados de não-livros. É o caso do Jornal Dobrabil, de Glauco Mattoso.

O espaço do livro deixa de ser apenas uma metáfora e o livro se transforma literalmente em espaço físico, substituindo o espaço da galeria de arte. Um livro não é mais a reprodução de obras de um artista, mas uma obra produzida especificamente para ser reproduzida. A comunicação faz uma breve análise comparativa do livro-catálogo de José Resende (1970) com o Manual da Ciência Popular, de Waltércio Caldas (1982).

Livro de artista no Brasil, arte conceitual, paratexto